

AS MARCAS DO MOVIMENTO DE SAUSSURE NA FUNDAÇÃO DA LINGÜÍSTICA *

Eliane Mara SILVEIRA

RESUMO Neste artigo examinaremos algumas páginas de um manuscrito de Ferdinand de Saussure que corresponde às notas de preparação da Première Conférence (cours de ouverture)¹, datado de 1891. Nele nos deteremos na análise das marcas de um trabalho na preparação da conferência em que ele deve apresentar a sua posição como lingüista frente a seus colegas universitários. Essas marcas concretas - rasuras, repetições, reformulações e incisos - também assinalam o movimento particular de um sujeito, isto é, os seus passos e os seus impasses na fundação da lingüística moderna. Particularmente escolhemos um momento dessa conferência que aponta para a divisão fundamental do sujeito entre o saber e o não saber, ou seja, entre o saber já estabelecido e aquele que ele não pode dizer, pois ainda não tem uma existência discursiva. Além disso, procuramos mostrar que esse movimento implica um resto.

RÉSUMÉ Dans cet article, nous examinerons quelques pages d'un manuscrit de Ferdinand de Saussure correspondant aux notes de préparation de la Première Conférence (cours d'ouverture), daté de 1891. Nous nous en tiendrons à l'analyse des marques d'un travail dans la préparation de la conférence lors de laquelle il doit présenter sa position en tant que lingüiste face à ses collègues universitaires. Ces marques concrètes – ratures, répétitions, reformulations et incises signalent également le mouvement particulier d'un sujet, c'est-à-dire, ses pas et ses impasses dans la fondation de la linguistique moderne. Nous avons choisi un moment particulier de cette conférence qui indique la division fondamentale du sujet entre le savoir et le non savoir, c'est-à-dire, entre le savoir déjà établi et celui que le sujet ne peut dire car il n'a pas encore d'existence

* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentada ao Curso de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 26 de fevereiro de 2003, sob a orientação da Profª. Drª. Cláudia T.G.de Lemos.

¹ Os manuscritos utilizados neste trabalho foram selecionados e reproduzidos por mim durante a minha estada em Genebra no período de 13 a 24 de junho de 1999 para o qual recebi apoio financeiro do FAEP – Fundo de Apoio ao Ensino e à Pesquisa da UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas.

discursive. En plus, nous avons cherché à montrer que ce mouvement implique un reste.

0- INTRODUÇÃO

Apresentaremos em forma de artigo o que compôs um capítulo da tese de doutorado do mesmo título. Nesse trabalho de maior fôlego nos propusemos a examinar a fundação da lingüística moderna realizada por Ferdinand de Saussure(1857/1913). Essa fundação é reconhecida desde o início do século XX quando foi publicado o “Curso de Lingüística Geral” (1916). A partir de então os estudos da linguagem sofreram uma subversão, que mais tarde foi chamada de estruturalismo, e afetou outras áreas de pesquisa nas chamadas ciências humanas como a antropologia a psicanálise e a literatura.

Contudo, na lingüística especificamente, aquilo que fora revolucionário num determinado momento passou a ser desqualificado aqui, engessado acolá: as críticas às exclusões saussureanas se intensificaram e o Curso de Lingüística Geral passa a ser leitura obrigatória mas, na maioria das vezes, com o estatuto de letra morta, sem nenhum compromisso, mera informação para localizar a sua diferença entre tantas outras teorias lingüísticas.

Ferdinand de Saussure, entretanto, permaneceu intocado. O Curso de Lingüística Geral não foi escrito por ele, foi fruto de uma edição a partir de alguns de seus manuscritos e notas de alunos. Fato esse que, atualmente, tem merecido discussões calorosas por parte de autores que se dividem no julgamento do trabalho dos editores. Além disso, as aulas que deram origem às notas que serviram de material para a edição não resumem a produção do linguista genebrino. Ele escreveu quase dez mil folhas hoje arquivadas, na sua maioria, na Biblioteca Pública de Genebra, e uma pequena parte na *Houghton library* em Harvard. O trabalho sobre esses manuscritos deu origem a um entendimento da produção do linguista que justificava uma dicotomia: ‘o Saussure noturno’ revelados por alguns manuscritos e o ‘Saussure diurno’ o das aulas que deram origem ao Curso de Lingüística Geral. O trabalho com os manuscritos, ainda hoje, tem rendido uma querela sobre o ‘verdadeiro Saussure’. Nessas discussões, frequentemente, se esquece a importância da gramática comparativa que, no século XIX, constituiu o ambiente de formação de Saussure.

Assim, procuramos examinar, a partir da perspectiva das elaborações da psicanálise laciana sobre o sujeito e a ciência, como os elementos dessa constelação de produções de Ferdinand de Saussure poderiam estar em jogo na fundação da lingüística moderna. Contudo, procuramos buscar o movimento de Saussure na fundação da ciência lingüística considerando cada elemento dessa constelação e estabelecendo, a partir dos princípios da psicanálise, a relação possível entre eles. Para isso nos servimos da elaboração de Jacques Lacan (1901/1981) ao se

valer da topologia da banda de Moëbius e do nó borromeano. Essa elaboração nos ofereceu uma possibilidade de nos aproximar desse movimento particular de Ferdinand de Saussure considerando a hipótese do inconsciente.

Dessa forma, trabalhamos com a edição do Curso de Lingüística Geral e o seu estatuto na fundação da lingüística, procuramos abolir a dicotomia Saussure diurno/Saussure noturno em favor das relações entre as suas produções como os anagramas e a teoria do valor e considerando, tanto aí quanto na edição, a importância do ambiente de formação de Saussure e, finalmente, buscamos indicar, em algumas páginas de suas notas para a “Première Conférence” (1891), o movimento do linguista, em seu trabalho, através das rasuras, incisos e repetições presentes abundantemente nesse manuscrito e é uma parte desse último capítulo que trazemos neste artigo. Remetemos à tese no que se refere a reflexão que precede a análise que apresentamos aqui, assim como para a apreciação dos próprios manuscritos ali reproduzidos em apêndice. Tanto um quanto outro dão ao trabalho que expomos aqui uma outra dimensão.

1- ANÁLISE DAS RASURAS

“Como achar um dentre esses caminhos que se apresentam agora escancarados?” (João Cabral de Melo e Neto em ‘Morte e vida Severina’)

Uma primeira leitura dos manuscritos nos deixa essa impressão: uma proliferação de rasuras e, portanto, muitos caminhos possíveis de serem seguidos. Por isso fizemos uma escolha, ou, escolhemos um caminho. Esse caminho, dentre tantos outros que poderíamos escolher, nos parece o mais compatível com o nosso objetivo de acompanhar o movimento de Saussure na fundação da lingüística. Sob esse aspecto e considerando a nossa opção teórica² - a psicanálise tal qual Lacan a leu em Freud - importa-nos ‘como ele escreveu’ o que não é sem relação com ‘o que ele escreveu’ visto que a forma como ele escreveu acaba por circunscrever uma série de rupturas no plano do conteúdo. O que se rompe, retorna como repetições ou mesmo integrado no texto, o que já aponta para um deslocamento na elaboração de Saussure.

Cabem aqui mais algumas observações sobre a apresentação da análise. Ao destacar um segmento maior e não uma palavra ou expressão, dada a dificuldade de reproduzir o que está no manuscrito como lá está escrito, optamos por fazê-lo usando reticências entre parênteses [ex.: ‘*les rayons de lumière*...)(p.5)]. Em certos

² Uso a expressão ‘opção teórica’ referindo-me à psicanálise e, particularmente, à obra de Lacan, com base na “Obra Clara” de Milner(1996), onde o autor apresenta e justifica sua afirmação de que Lacan tem uma teoria da ciência.

pontos da análise tentaremos reproduzir a rasura utilizando o termo rasurado riscado e o inciso em um plano acima. Contudo, a linearidade da apresentação da escrita digitada parece ser incompatível com a idiosincrasia do manuscrito [ex.: “à ^{cette} ~~la~~ science du langage” (p.5)]. As indicações entre parênteses, depois da tentativa de transcrição do fragmento em análise, referem-se ao número da página do manuscrito em que ele se encontra e a letra que segue esse número refere-se a sua localização no manuscrito reproduzido em apêndice da tese de doutorado. Quando nos referimos a Bouquet e Engler estamos citando fragmentos do texto desse mesmo manuscrito estabelecido por eles em **Écrits de linguistique générale** cuja autoria é atribuída à Saussure (cf.bibliografia).

Quanto a análise escolhemos quatro grupo. Os grupos são constituídos por termos que se caracterizam não só por estarem rasurados mas por estarem em incisos ou por se apresentarem repetidamente para depois serem retomados e/ou reformulados.

Mais do que estar indicado por esses aspectos formais, a escolha e a delimitação do grupo corresponde a uma interrupção do legível que por sua vez é o encontro com a hesitação do autor. O reconhecimento dessa interrupção e dessa hesitação mostra por si só que o grupo tem relação com um determinado tema. O tema do primeiro grupo parece ser caro a Saussure: o lugar dos estudos da linguagem entre as ciências humanas; o tema do segundo grupo é algo de muito caro à própria lingüística: a natureza de seu objeto; para o terceiro grupo, selecionamos questões relativas aos dois primeiros e que dizem respeito ao geral e ao particular na abordagem do objeto da lingüística e, finalmente, no quarto e último grupo trazemos o que parece ter ficado à sombra de uma elaboração nesse manuscrito.

Esses quatro grupos permitem mostrar momentos de tensão e/ou hesitação na elaboração de conceitos a serem precisados e a necessidade de definir aquilo que lhe pareceu sempre tão impreciso: a posição do lingüista diante da linguagem e da lingüística como ciência. Também permitem entrever as soluções que se puderam dar a essas questões assim como permitem reconhecer um ponto em que uma questão insiste mas não avança.

1.1 - PRIMEIRO GRUPO: A CIÊNCIA LINGÜÍSTICA

As primeiras palavras desse manuscrito já fazem menção a “uma ordem de estudos novos”. Em seguida, porém, encontramos algumas palavras rasuradas que parecem estar dirigidas a um questionamento do que se espera desses estudos novos: *but(1a)*, *utilité(1b)* e *place(1c)*³. É aí que demarcamos o nosso primeiro grupo. Esses termos se repetem à exaustão: *place*, sete vezes e as outras duas palavras, pelo menos três vezes. Algumas vezes rasuradas, outras não, mas sempre indicativas de

³ Todos os outros termos ou trechos que forem indicados pelo número 1 pertencerão a este grupo; embora consideremos estes três primeiros termos os desencadeadores dos demais.

uma questão sobre a posição que os estudos da linguagem têm no círculo dos conhecimentos humanos, em especial em uma Faculdade de Letras. Esses termos presentificam-se de forma insistente e embaraçante como mostram as repetições e as rasuras de palavras como *utilidade, finalidade e interesse*: “*de vous ^{introduire} aujourd’hui???* ~~*entretenir du but, de l’utilité, de soit du but de ces études, soit de l’utilité de ces études, soit de leur intérêt*~~”(1d-p1).

Tais palavras guardam uma certa vizinhança semântica mas não têm a mesma significação quando se trata de definir a função de uma área de estudo, ainda mais quando é colocada a questão da legitimidade dessa área. Todas essas palavras foram dispostas em incisos, repetidas ou rasuradas apontando um certo embaraço na qualificação de ‘*ces études*’. A palavra *legitimité*(1e;p.1) é acrescentada por Saussure às palavras *but*(1a-p1), *intérêt* (1f-p.1) e *utilité*(1b-p1), depois de todas as hesitações anteriores, num texto sem rasuras: *soit de l’utilité, soit de leur intérêt, soit enfin de leur but et de leur légitimité*(1g-p1). Note-se que esse texto sem rasuras repete, reordenando, o material rasurado como se a última expressão (*leur légitimité*) operasse uma ressignificação necessária.

O embaraço inicial parece ser da ordem de um incômodo com o lugar que os estudos da linguagem ocupavam e ao mesmo tempo indica um esforço para dizer do lugar que eles poderiam vir a ocupar no círculo dos conhecimentos humanos. Aí está um primeiro deslocamento.

Um dos pontos que sinalizam o deslocamento é, como já se acenou antes, a utilização dos termos *utilité* e *legitimité* que parecem estar marcados por uma incompatibilidade quando se trata de caracterizar uma ciência, visto que a utilidade de algum estudo pode legitimar uma técnica mas não uma ciência.

Entre algumas linhas, que no manuscrito estão rasuradas, e o inciso ao lado das rasuras, ainda na primeira página, percebemos que algo foi escrito, riscado e, além disso, acrescentado o que poderia ser o substituto daquilo que havia sido escrito inicialmente: ~~*et j’aurais en outre examiner quelle place et la place (...)*~~ ~~*elle doit occuper*~~(1d-p.1). E o inciso: *à marquer la place qu’elle occupe dans le cercle(...)* (1h-p.1). É digna de nota a substituição operada nesse movimento. *Examiner* passa a *marquer* e deve-se dizer que esses verbos implicam práticas distintas. ‘Examinar’ tem o sentido de analisar com atenção e minúcia, considerar, ponderar... enquanto que ‘marcar’ é pôr uma marca, um sinal, uma insígnia; nesse fragmento do manuscrito, portanto, trata-se de assinalar algo já examinado. Ao que tudo indica, enquanto um é da ordem da observação, outro é da ordem da ação. Da rasura ao inciso se delineia uma posição mais incisiva diante do que há a definir nos estudos da linguagem.

É significativo que, ao final da página que contém essas rasuras, leia-se a pergunta: *quel est le profit*(1i-p.1) que pode retirar a erudição clássica dos estudos da linguagem e *l’intérêt*(1j-p.1) que pode ter o mesmo estudo para a história ou para a história da civilização? É quase como uma resposta para essa pergunta que surge no texto uma série de indicações sobre o quanto os estudos da linguagem foram úteis

para a resolução de questões históricas e etnológicas. Assim, embora não haja uma retomada das palavras do primeiro grupo (1a,1b,1c) podemos dizer que elas operam em ausência nessa elaboração já que, quando se trata de dizer quais os pontos em que o estudo da linguagem e aquilo que é chamado de 'ciências adjacentes'(1L-p.3) podem ou não se tocar, essas palavras, do primeiro grupo, têm importância capital e a utilização de termos como *profit* e *interêt* assim o confirma.

Surgem, então, nas páginas três e quatro, duas perguntas que iluminam a direção contrária que o texto vai tomar: a utilidade como obstáculo. Vejamos:

(...) mais après cela, ou avant cela, je vous poserais plutôt cette simple question: pensez-vous sérieusement que l'étude du langage ait besoin, pour se justifier ou pour se disculper d'exister, de prouver qu'elle est utile à d'autres sciences? (Saussure; 1m-p.3 *apud* Bouquet e Engler: 144;Grifo nosso)

E além disso:

À quelle science pose-t-on cette condition préliminaire d'exister qu'elle s'engage à livrer des résultats destinés à venir enrichir d'autres sciences s'occupant d'autres objets? C'est lui refuser tout objet propre. (Saussure; 1n-p.3 *apud* Bouquet e Engler: 144; Grifo nosso)

Essas perguntas mostram a necessidade de desembaraçar a lingüística dessas ciências, visto que as relações entre elas estão marcadas por *but*, *utilité* e *profit*. É, portanto, preciso saber que objeto é esse do qual a lingüística se ocupa, conforme página quatro do manuscrito, e qual o seu estatuto entre os outros campos do saber:

On peut seulement demander à chaque science aspirant à se faire reconnaître d'avoir un objet digne d'une attention sérieuse, c'est-à-dire un objet qui joue un rôle incontestable dans les choses de l'Univers, où sont comprises avant tout les choses de l'humanité; et le rang qu'occupera cette science sera proportionné à l'importance de l'objet dans le grand ensemble des idées. (Saussure 1o;p.4 *apud* Bouquet e Engler; p.144)

Enfim, o objeto de uma ciência não pode ser constituído a partir da sua utilidade para as outras ciências.

Por isso, depois da hesitação há uma clara determinação em falar da autonomia dos estudos da linguagem e na página cinco abre-se a possibilidade do novo: o termo *utilité* desaparece enquanto que *but* e *place* retornam sendo que *but* (1a;p.5) é associado, especificamente, ao *développement intérieur* (1p;p.5) dos estudos da linguagem. Vejamos na nova edição:

(...) *les rayons de lumière, si intenses qu'ils aient été, qui ont pu soudain tomber de la langue sur d'autres disciplines et sur d'autres objets de recherche, ne sauraient avoir qu'une importance absolument épisodique et incidente pour l'étude de la langue elle-même, pour le développement intérieur de cette étude et pour le but vers lequel elle marche.* (Saussure; 1q-p5 *apud* Bouquet e Engler; p.145- grifo nosso)

Quanto ao lugar/terreno que esses estudos ocupam, temos uma referência clara à ciência da linguagem no que se segue:

Le phénomène du langage, en lui-même, vaut-il ou ne vaut-il pas la peine qu'on l'étudie, soit en ses manifestations diverses soit dans ses lois générales qui ne pourront jamais être déduites que de ses formes particulières? – tel est, s'il faut l'indiquer d'une façon tout à fait claire et catégorique, le terrain sur lequel se place actuellement la science du langage. (Saussure 1r-p5 *apud* Bouquet e Engler; p.145- grifo nosso)

Dizer do lugar da lingüística em relação às outras ciências requer que se coloque uma interrogação sobre o seu objeto.⁴

De Lemos lembra o movimento saussureano de constituição da lingüística, alinhando-o com a reivindicação de autonomia que, segundo ela, se origina do reconhecimento por Saussure da ordem própria da língua e acrescenta ainda que esse reconhecimento é apenas um momento de uma insistente interrogação, como é colocado por Benveniste(1966:35):

“Naquilo que pertence à língua, [Saussure] pressente certas propriedades que não se encontram em nenhum outro lugar a não ser aí. Com o quer que a compare, a língua aparece sempre como algo de diferente. Mas em que ela é diferente? Considerando essa atividade, a linguagem, à qual tantos fatores estão associados, biológicos, físicos e psíquicos, individuais e sociais, estéticos, pragmáticos, ele se pergunta: a qual deles pertence a língua?” (*apud* De Lemos;p.23)

Ainda a respeito da relação da lingüística com as outras ciências, De Lemos nota que Saussure colocou a lingüística em relação com as outras ciências de uma

⁴ A reflexão de De Lemos (1998), no sentido de restaurar a preocupação com o objeto da lingüística, possibilita que pensemos tal relação. A autora parte da seguinte afirmação “todo o conhecimento interdisciplinar tem um significado mais fácil e natural de ser apreendido” para se perguntar *por que tal conhecimento reuniria estas qualidades*. Vejamos a sua hipótese: “Não seria talvez por estabelecer uma relação entre campos ou disciplinas que tenderia a **atenuar os limites de seus objetos específicos**, restaurando, pelo menos em parte, um espaço homogêneo cujo significado se aproximaria do senso comum?”(grifo nosso;p.22)

maneira bastante particular, ou seja: “Não se trata, pois, simplesmente de relacionar um campo a outro, mas de dar uma direção a essa relação, de ordená-la a partir da língua e da lingüística.” (*op.cit.*:28).

Essas observações indicam a direção em que o movimento de Saussure se deu, assim como esses momentos de tensão no seu manuscrito, sinalizados por esse primeiro grupo de rasuras, mostram os impasses que constituem o ato de escrever o novo.

1.2 - SEGUNDO GRUPO: ENTRE O GERAL E O PARTICULAR

Esse segundo grupo é composto pelos termos ‘*général*’ e ‘*particulier*’ e o que o caracteriza não é somente o fato de esses termos aparecerem rasurados, mas o modo errante como comparecem no texto. Além disso, eles funcionam como núcleo de uma constelação em torno da qual gravitam outros termos que mantêm com esse núcleo relações semânticas: *individus*, *individuel* ou *espèce*. Ou, ainda, termos derivados desse núcleo: *généralization*, *généralement* ou *particulièrement*.

Mostremos, primeiro, como os termos derivados de ‘*général*’ vagam por essas primeiras páginas do manuscrito. É particular a insistência com que esses termos se apresentam qualificando palavras muito diversas ao longo do texto. Nesse sentido, é exemplar o que encontramos em uma mesma página:

“*Le valeur de l'étude du langage dans la connaissance générale*”
(adjetivando conhecimento) (2a;p.5)

“*que nous oublions généralement*” (advérbio) (2b; p.5)

“*que la généralization de cela*” (substantivo)(2c;p5)

Essa ‘errância’ também pode se manifestar pela insistência com que alguns termos semanticamente afins se repetem rasurados e sem destino. Nesse aspecto é relevante observar o que sucede com termos que se seguem em uma página muito rasurada, termos esses que, de uma certa forma, estão alinhados com ‘*particulier*’ e ‘*général*’. São eles: *individuel*(2d) e *espèce*(2e), encontrados, somente na página sete, pelo menos três vezes cada um, em rasuras ou em incisos. Remetemos o leitor ao apêndice da tese de doutorado no qual se encontram localizadas tais rasuras e incisos que, tecnicamente, são impossíveis de reproduzir.

Mas é já na segunda página dos manuscritos, enquanto as questões sobre as quais versa o primeiro grupo de rasuras estão sendo encaminhadas, que surgem os termos *particulièrement* (2f-p.2) e *individus* (2g-p.2) rasurados. Nessa página, esses termos, ainda que rasurados, se fazem presentes com o objetivo de caracterizar o trabalho de Adolf Pictet e, portanto, não têm uma relação direta e específica com a lingüística e seu objeto. Além disso, é arriscado apostar no que está escrito, de fato, nesse fragmento do manuscrito. A nova edição aqui não vem em nosso auxílio, visto que os termos rasurados e que estão em questão aqui não têm lugar lá.

É importante sublinhar que a errância que tentamos descrever acima precede o ponto em que estes termos vão encontrar o seu lugar. Isto é, antes desse ponto não há, para esses termos, destino melhor que os escombros de uma rasura, a marginalidade de um inciso ou a incerta deriva.

É na quinta página do manuscrito, contudo, que encontramos os motivos para nomear *particulier* e *général* como núcleo do nosso segundo grupo. Inicialmente há uma referência ao *estudo da linguagem no conhecimento geral* (2a-p.5) ainda com o objetivo de separar a lingüística das outras ciências e, logo a seguir, os termos ‘*général*’ e ‘*particulier*’ aparecem com clareza em “*lois générales*”(2h-p.5) e “*formes particulières*”(2i-p.5) referindo-se à linguagem. Acompanhemos na nova edição:

Le phénomène du langage, en lui-même, vaut-il ou ne vaut-il pas la peine qu'on l'étudie, soit en ses manifestations diverses soit dans ses lois générales(2a) qui ne pourront jamais être déduites que de ses formes particulières(2b)? – tel est, s'il faut l'indiquer d'une façon tout à fait claire et catégorique, le terrain sur lequel se place actuellement la science du langage. (Saussure; 1r-p.5 *apud* Bouquet e Engler p.145- grifo nosso)

Língua e linguagem não apresentam uma distinção precisa e não parece ser o mais importante no momento em que é *preciso indicar de uma forma clara e categórica o lugar em que se coloca atualmente a ciência da linguagem*. Essa indicação se sustenta na afirmação de que, seja quando se trata de manifestações diversas ou seja quando se trata de leis gerais, o estudo do fenômeno da linguagem não pode prescindir de se voltar para as formas particulares das línguas.

Tal questão parece ter nesse manuscrito apenas o seu início, De Mauro(1986) afirma que Saussure:

(...) n'abandonne pas, après 1885, les réflexions sur la théorie générale. Cette exigence, affirmé dans le compte rendu de Schmidt de 1897 (supra 351), est déjà justifiée lors des leçons inaugurales de 1891 dans lesquelles, comme nous avons dit (supra 354), il défend la nécessaire complémentarité des analyses particulières et de la théorie générale.(Grifo nosso; p.360)

Ou, ainda melhor, *Une dialectique incessante lie l'étude générale et l'étude historico-descriptive* (op.cit.p.354). Considerando que um dos aspectos do estudo descritivo é a abordagem particular de cada língua podemos ver nesse manuscrito que o ‘geral’ e o ‘particular’, que flutuaram errantes até um determinado momento, acabam por aterrissar e com a função de estabelecer uma relação até então inédita entre o geral e o particular nos estudos da linguagem:

Langue et langage ne sont qu'une même chose; l'un est la généralisation de l'autre. Vouloir étudier le langage sans se donner la peine d'en étudier les divers manifestations qu'évidemment sont les langues est une entreprise absolument vaine, et chimérique; d'un autre côté vouloir étudier les langues en oubliant que ces langues sont primordialement régies par certains principes qui sont résumés dans l'idée de langage est un travail encore plus dénué de toute signification sérieuse, de toute base scientifique véritable. (Saussure;lj- p.8-9 apud Bouquet e Engler p.145/146)

Houve um movimento nas elaborações de Saussure. Contudo, não se pode dizer que esta é a sua última palavra sobre o assunto. A nós interessa mostrar a possibilidade de apreender um movimento que só o processo de escrita através das rasuras, dos incisos e da errância nos permite recuperar. Além disso, esse movimento que dá um certo lugar ao geral e ao particular nos estudos da linguagem não é sem efeitos para a definição do objeto da lingüística.

1.3 TERCEIRO GRUPO: O OBJETO DA LINGÜÍSTICA

“En effet, il suffit de formuler pour faire apparaître une difficulté: si la lingüistique est une science, de quoi est-elle la science? Outrement dit, comment nommera-t-elle son objet?” (Milner; 1989:40)

O último parágrafo da página cinco das notas para a *Première Conférence* não foi incluído na edição de Bouquet e Engler; trata-se de um trecho rasurado primeiro com riscos na horizontal e em seguida com riscos na diagonal. Nesse parágrafo que se inicia por frases interrogativas, encontramos os termos que constituem o terceiro grupo: *langue*(3a;p5), *langage*(3b;p5), *parole*⁵(3c;p.5):

Le langage? Mais la parole? C'est une chose que nous oublions généralement parce que (...) Le langage ou la langue c'est dont la même chose, ceci n'était rien d'autre que la généralization de cela. (Saussure; p.5. As rasuras incidem sobre todo o trecho.)

Essas perguntas incidem, portanto, sobre: *langage*, *parole* e *langue*, isto é, sobre como definir o objeto da lingüística. Questão que atravessa todo o manuscrito

⁵ É preciso notar que o termo *parole* não volta a aparecer nesse manuscrito a não ser rasurado algumas páginas adiante (p.6) e na página 10 sem rasura mas seguido de muitas rasuras. Contudo, a simples menção desse termo ao lado de língua e linguagem é indicativo do trabalho que se fez mais tarde diferenciando língua e fala.

e cujas rasuras, incisos e errância deixam à mostra a dificuldade de elaboração. Dificuldade que está na necessária suspensão do sentido que essas palavras têm no discurso ordinário e o sentido que elas devem tomar na constituição da ciência lingüística. É o que percebemos quando nos voltamos para a expressão que antecede essas perguntas rasuradas: *la science du langage*.

Também vê-se, nas últimas três linhas rasuradas em diagonal, a primeira versão daquilo que será afirmado sem rasuras na página oito: *Langue et langage ne sont qu'une même chose; l'un est la généralisation de l'autre*(2j-p8). Nas páginas seguintes, seis e sete, o texto parece estar a serviço de desvencilhar a natureza da linguagem da natureza do homem para que a primeira esteja em condições de requerer a sua autonomia científica. Acompanhemos a nova edição:

Le langage ou la langue peut-il donc passer pour un objet qui appelle, par lui-même, l'étude? Telle est la question qui se pose. Je ne l'examine même pas. Je vous dirai, Messieurs, qu'on a tout refusé à notre pauvre espèce humaine comme caractère distinctif vis-à-vis des autres espèces animales, tout, et absolument tout, y compris l'instinct d'industrie, y compris la religiosité, la moralité, le jugement et la raison, tout, excepté le langage, ou comme on dit la parole articulée, ce terme d'articulé étant un terme au fond obscur et très vague sur lequel je fais toutes réserves.(...) Ce qui est clair, comme on l'a répété mille fois, c'est que l'homme sans le langage serait peut-être l'homme, mais qu'il ne serait pas un être se rapprochant même approximativement de l'homme que nous connaissons et que nous sommes, parce que le langage a été le plus formidable engin d'action collective d'une part, et d'éducation individuelle de l'autre, l'instrument sans lequel en fait l'individu ou l'espèce n'auraient jamais pu même aspirer à développer dans aucun sens ses facultés natives. (Saussure; p.6-7 apud Bouquet e Engler p.145)

De Lemos (1998) discute as interrelações entre a lingüística e as outras ciências e aponta o objeto próprio da lingüística como responsável por essa dificuldade na delimitação de um campo próprio:

"Na verdade se esse 'objeto' escapa ou resiste à delimitação é mesmo porque, estando no centro da vida humana, tende a confundir-se com ela, a se fazer presente em todos os seus aspectos, de tal modo que o esforço para conhecê-lo e sobre ele teorizar poderia tomar a forma de um saber que acabaria por apagar os limites entre a lingüística e as outras ciências ou disciplinas." (p.22)

Nessas páginas do manuscrito lê-se uma resistência a esse apagamento e um trabalho que tem efeitos sobre a delimitação desse objeto. Assim após as hesitações

da página sete em que o números de rasuras e incisos chegam a ser maiores que o corpo do próprio texto que não está rasurado, a página oito do manuscrito nos reserva uma surpresa. Trata-se de uma página quase sem nenhuma alteração, as marcas de interlocução(3f-p8)⁶ são abundantes e claras e alguns dos termos rasurados anteriormente são retomados. *Langue* e *langage*, por exemplo, retornam com uma afirmação categórica semelhante àquela sob as rasuras na página cinco: *Langue et langage ne sont qu'une même chose; l'un est la généralisation de l'autre.* (2j-p.8) Mas é importante mencionar que encontramos a palavra *des langues*(3e-p.8) utilizada pela primeira vez nesses manuscritos e que ocupará um papel relevante nos desdobramentos da questão. Além disso, como menciona Fehr: *Saussure récuse ainsi en bloc logique, philosophie et psychologie du langage dans la mesure où ces sciences tiennent trop peu compte de 'l'étude des langues'*. (p.53)

Pensamos que há nesse manuscrito uma aproximação à questão do objeto da lingüística e uma posição clara quanto à necessidade de delimitá-lo embora não haja, ainda, distinções mais precisas, por exemplo, entre língua, linguagem e fala. Sabemos que a relação entre *langue* e *langage* acima sublinhada não será mantida, como se pode ler no CLG. Contudo, nesse manuscrito opera-se um deslocamento em direção à ordem própria da língua visto que há uma tentativa de destituir esse objeto do que é acessório e cernir o que é central, próprio dele.

Logo após essa página com pouquíssimas rasuras, temos a primeira metade da página nove em que se pode ler uma afirmação ainda mais categórica sobre o que vinha se afirmando até agora:

Vouloir étudier le langage sans se donner la peine d'en étudier les divers manifestations qu'évidemment sont les langues est une entreprise absolument vaine, et chimérique (Saussure; 2j-p8-9 *apud* Bouquet e Engler; p.148)

E, ainda com algumas dificuldades pois há muitas rasuras, se pode ler com Bouquet e Engler que d'un autre côté vouloir étudier les langues en oubliant que ces langues sont primordialement régies par certains principes qui sont résumés dans l'idée de langage est un travail encore plus dénué de toute signification sérieuse, de toute base scientifique véritable (*op.cit.p.148; grifo nosso*)

Nesse trabalho de separar o objeto dos estudos da linguagem daquilo que lhe é próximo mas não próprio se desenha a possibilidade de fundar um campo: a chamada lingüística moderna. Isso é o que se pode depreender desse jogo de Saussure entre rasuras e elaborações presente na escrita desse manuscrito. Contudo, se se pensar que a rasura materializa mesmo um instante de suspensão de sentido

⁶ Entendemos marcas de interlocução no sentido lato, ou seja, quando o locutor refere-se ao interlocutor por um pronome de tratamento, utiliza expressões próprias da interlocução na oralidade e até mesmo quando se coloca através de um pronome pessoal.

depois do qual se encontra finalmente um outro modo de dizer, a essa seqüência, página oito e início da nove, não se pode associar nenhuma expectativa de apaziguamento: a última metade dessa página nove desfaz qualquer idéia nessa direção na elaboração de Saussure.

Nessa segunda metade da página nove, temos um fragmento que é rasurado à exaustão. O que há de tão insuportável nesse texto a ponto de suscitar tanta rasura?

1.4. QUARTO GRUPO: *MAIS, ET LA PAROLE?*

Localizaremos esse quarto grupo sob as rasuras da última metade da página nove do manuscrito. Essa segunda metade da página nove, que está completamente rasurada, parece trazer elementos para pensar aquilo que o trabalho anterior não foi capaz de resolver. É difícil lidar com a ilegibilidade desse trecho; Bouquet e Engler o suprimem completamente, enquanto para nós ele assume toda importância. Das palavras que estão sob as rasuras, que incidem sobre um bloco de quatorze linhas, trabalharemos mais especificamente com o que parece estar escrito em apenas algumas dessas linhas:

connue ^{ou inconnue} *un chercheur*
un phénomène normal et caractéristique de notre
activité linguistique inconsciente, et il'apporte

Todos os termos que estão sob rasura poderiam ser trabalhados a partir dos mesmos princípios com que abordaremos o fragmento acima; contudo, procuraremos centrar-nos apenas neste pela óbvia dificuldade que representa trabalhar com todos eles. Dificuldade essa que advém dos riscos que cortam o texto e que se destinam, aparentemente, a eliminá-lo. Por isso, essa grande rasura provoca um efeito semelhante àquele experienciado no início do filme '2001 Uma Odisseia no Espaço'⁷, momento em que o macaco se vê diante de um monolito.

As perguntas que nos fazemos diante dessa grande rasura correspondem ao espanto do macaco diante do monolito: o que é isso, de onde vem, qual a sua função? Para buscar uma resposta a esse enigma, adotamos o procedimento de identificar todas as suas linhas por letras, tentar reproduzir o que há de legível e buscar os efeitos dos termos que selecionamos nas elaborações que se apresentam nas páginas seguintes. Surgem, com efeito, características bastante interessantes quando procuramos recuperar o que está submerso sob os riscos de Saussure:

des langues
la conscience qu'elle a du concourir à un
but supérieur, et ceci n'a

⁷ Filme dirigido por Stanley Kubrick lançado no final da década de sessenta.

*être entendu d'une manière vague
général, chaque fois que sur le plus
infime patois de la plus infime langue
connue ^{ou inconnue} un chercheur
un phénomène normal caractéristique de notre
activité linguistique inconsciente, et il apporte
en triumphe comme une pierre de
l'édifiée de notre grand édifice qui ne
sera jamais détruite et qui aussitôt
(?) commentée dans son et qui est
aussitôt(?) accueillie*

As tentativas repetidas de ler essa grande rasura levaram, na melhor das hipóteses, a esse resultado que pode nem mesmo ser correto visto que, diante da falta de sentido que ela impõe, tendemos a lhe impingir algum significado desviando-nos assim do que nela nos interroga. Assim como no filme, nessa rasura é 'num só depois' que se pode desfazer o monolito, não ele propriamente dito, mas o enigma por ele constituído.

Ao acompanharmos a escrita de Saussure depois dessa grande rasura percebemos algo que se assemelha à explosão do monolito/rasura/enigma. Algumas das palavras que conseguimos ler sob a rasura se estendem pelo texto como se fôssem um monolito despedaçado e como se cada fragmento dele, antes enigmático, ordenasse outras seqüências de escrita agora providas de sentido.

Podemos retirar da nova edição de Bouquet e Engler um parágrafo que corresponde à página dez do manuscrito, isto é, à página que sucede a grande rasura e que permite retomar o fragmento por nós selecionado:

*À supposer même que l'exercice de la **parole** constituât chez l'homme une fonction naturelle, ce qui est le point de vue éminemment faux où se placent certaines écoles d'anthropologistes et de linguistes, il faudrait encore absolument soutenir que l'exercice de cette fonction n'est abordable pour la science que par le côté de la langue ou par le côté des langues existantes.*(Saussure; 4^o-p.10; 4o; *apud* Bouquet e Engler p.146; grifo nosso)

Por trás da legibilidade da nova edição, encontramos a incerteza do autor ao buscar um termo apropriado para caracterizar o exercício *de la parole* pelo homem. Ali onde sublinhamos na citação *fonction naturelle* tem-se no manuscrito sob rasuras: *faculté naturelle, native ou/et* (4p-p.10) e outras rasuras ilegíveis. Num inciso ao lado, lê-se a opção da nova edição: *fonction naturelle*.(4q-p.10). Não podemos deixar de reconhecer essas rasuras e incisos como uma espécie de estilhaço

do que está sob a rasura 4h/4i: *un phénomène normal caractéristique de notre activité linguistique inconsciente.*

O tema tratado na página dez do manuscrito, que se segue a página da grande rasura, retoma e reafirma a posição anterior (tratada no grupo três) de cernir o objeto dos estudos da linguagem separando-o do que é próprio do homem tanto do ponto de vista orgânico quanto antropológico. Trata-se de uma crítica assertiva à postura corrente na época. Contudo, é preciso não esquecer, sob pena de nos desviarmos do nosso trabalho, que nas páginas anteriores do manuscrito, na busca de definir com precisão os termos que pudessem nomear o objeto da lingüística, foram recorrentes as rasuras sobre os termos *langue*, *langage* e *parole*. Enquanto os dois primeiros termos acabaram por alcançar algum estatuto nesse momento da elaboração de Saussure, não podemos dizer que aconteceu o mesmo com o termo *parole*. Termo esse que não encontramos sob a grande rasura mas que retorna no manuscrito, como vimos na citação anterior da nova edição, indicando a relação entre essa rasura e o que ficou suspenso nas páginas anteriores.

Como ele retorna? Voltemos ao fragmento que selecionamos:

connue ^{ou inconnue} *un chercheur*
un phénomène normal et caractéristique de notre
activité linguistique inconsciente, et il l'apporte

Nele a palavra '*chercheur*'(4g-p9), sublinhada por nós, antecedendo *un phénomène normal et caractéristique de notre activité linguistique inconsciente* obriga a que nos perguntemos qual a relação de um 'pesquisador' com esse fenômeno, relação essa não explícita dada a não legibilidade do verbo que deve estar presente entre *chercheur* e *un phénomène normal(...)*. Essa relação vem à tona, porém, nas páginas seguintes onde encontramos, em um trecho sem rasuras, algo que indica a ação do *chercheur*:

Et ceci n'a pas une signification vague et générale: toute personne un peu versée dans nos études sait avec quelle joie et quel triomphe chaque chercheur signale un cas théorique nouveau, quand il le rencontre n'importe où, dans le dernier de nos patois, ou dans le plus infime idiome polynésien. C'est une pierre qu'il apporte à l'édifice et qui ne sera pas détruite. (Saussure; 4r-p.10/11; grifo nosso)

É extremamente relevante assinalar que a expressão *un phénomène normal et caractéristique de notre activité linguistique inconsciente* não se faz presente nessa versão sem rasuras. Na versão sem rasuras o que o pesquisador assinala é um 'caso teórico novo', se interpretarmos 'caso' como 'problema' podemos pensar que nessa versão ele o encontra *n'importe où, dans le dernier de nos patois, ou dans le plus infime idiome polynésie*. Assim, diríamos que o pesquisador não se depara com a

língua mas com 'pedaços de falas'⁸. É aí que ele irá assinalar um caso teórico novo. Ou seja, diante do *último dos patois* ou do *mais ínfimo idioma polinésio*, o pesquisador não encontra 'línguas' mas 'pedaços de fala'. Não diríamos que o pesquisador depara-se com uma língua - porque não é possível falar ainda em 'uma língua' - já que dizer de uma língua requer uma construção sobre o que faz nela uma unidade, o que não é anterior a esse encontro com os 'pedaços de fala'. E quanto à versão com rasuras? Lá, esse problema parece vir de *un phénomène normal et caractéristique de notre activité linguistique inconsciente*. Isto é, na fala também.

É dessa forma, recorrendo ao jogo entre a rasura e o que a ela antecede e se segue a ela no manuscrito e ao mesmo tempo comparando a grande rasura com a versão sem rasura, que surpreendemos o retorno de uma questão que tinha emergido na página cinco do manuscrito: *Mais, et La parole?*(3c-p.5) Em outras palavras o que diz respeito a *la parole* principalmente em oposição a *la langue* ainda não encontrou o seu lugar.

Podemos, afirmar, com base nesse manuscrito, que houve uma elaboração, um movimento, um trabalho mas também é preciso dizer que houve um resto desse movimento. Se, por um lado, a tensão que as rasuras parecem mostrar apontam para uma elaboração como também indica a passagem da repetição para a reformulação, por outro lado, nem tudo se resolveu.

Assim, o que é *un phénomène normal et caractéristique de notre activité linguistique inconsciente*, nesse movimento que acompanhamos nessas páginas do manuscrito, permanece sob a barra da rasura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BENVENISTE, E. (1991). *Problemas de lingüística Geral II*. Campinas: Ed. Pontes.
- FEHR, J. (2000). *Saussure entre linguistique et semiologie*. Traduit de l'allemand par Pierre Causat; Presse universitaires de France: Paris.
- de LEMOS C. (1998). Interrelações entre a lingüística e as outras ciências. Florianópolis, *Boletim da Abralin*, n.22 - Associação Brasileira de Lingüística. Pp.20-32.
- de MAURO, T. (1986). *Cours de Lingüistique Générale: édition critique*. Paris, Payot.
- MILNER, J.C. (1996). *A obra clara: Lacan, a ciência, e a filosofia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- _____. (1989). *Introduction à une science du langage*. Paris: Seuil.
- SAUSSURE, F. de. (2002). *Écrits de linguistique générale*; Texte établi et édité par Simon Bouquet et Rudolf Engler; Editions Gallimard.

⁸ Expressão usada por Cláudia Lemos, em sessão de orientação, para referir-se à parcialidade do objeto com o qual o lingüista se depara.